



TRABALHO FEMININO E ORGANIZAÇÃO PRODUTIVA NA RESERVA EXTRATIVISTA DO CAZUMBÁ-IRACEMA (ACRE)

Female Labor and Productive Organization in the Cazumbá-Iracema Extractive Reserve, Acre
(Brazil)

Aldilene Barros do Nascimento¹

Willian Carboni Viana²

Manuel de Jesus Masulo da Cruz³

Resumo

Nas Reservas Extrativistas da Amazônia, os modos de vida baseiam-se na conservação do território e na reprodução de saberes tradicionais, como o manejo florestal e a agricultura e pecuária de subsistência. Nesse contexto, destaca-se a importância do papel desempenhado pelas mulheres na manutenção dessas atividades. Assim, esta pesquisa investiga o papel das mulheres na Reserva Extrativista Cazumbá-Iracema (AC), partindo da hipótese de que seu trabalho, articulado entre extrativismo, cultivo de subsistência e criação animal, é essencial à sustentabilidade local. Realizou-se uma abordagem qualitativa, a partir de 20 entrevistas semiestruturadas e análise documental, cujos dados foram submetidos à análise de conteúdo. Os resultados mostram que as mulheres extrativistas acumulam uma dupla jornada, incluindo tarefas domésticas, cuidados familiares e atividades produtivas (coleta de látex, roçado, artesanato, criação animal), mantendo saberes intergeracionais que protegem os recursos florestais. O estudo identifica ainda sistemas agrosilvipastorais comunitários, nos quais extrativismo, cultivo de mandioca e criação animal se articulam para a conservação e uso sustentável da floresta. Por fim, propõe-se programas de extensão móvel coordenados por associações de mulheres para difusão de sistemas agrosilvopastorais coletivos, contribuindo para o fortalecimento da resiliência socioambiental e a promoção da equidade de gênero na Amazônia Ocidental.

Palavras-chaves: Territórios Coletivos; Trabalho Feminino; Organização Produtiva; Amazônia Ocidental.

Abstract

In the Extractive Reserves of the Amazon, livelihoods rely on territorial conservation and the transmission of traditional knowledge, such as forest management and subsistence agriculture and livestock. In this context, women's roles in sustaining these systems are significant. This study investigates their contribution in the Cazumbá-Iracema Extractive Reserve (Acre, Brazil), based on the hypothesis that their work, articulating extractivism, subsistence farming, and animal husbandry is essential to local sustainability. A qualitative approach was adopted, through twenty semi-structured interviews and document analysis, with data examined via content analysis. Results show that extractivist women face a double burden, combining domestic duties, family care, and productive tasks (latex collection, swidden farming, handicrafts, animal husbandry), while preserving intergenerational knowledge that safeguards forest resources. The study also identifies community-based agroforestry-livestock systems, where extractivism, cassava cultivation, and animal raising converge to support forest conservation and sustainable use. Finally, it recommends mobile extension programs coordinated by women's associations to foster collective agroforestry-livestock systems, strengthening socio-environmental resilience and gender equity in the Western Amazon.

¹ Bacharel em Zootecnia. Instituto Federal do Acre – Campus Sena Madureira. E-mail: aldilene.ac@gmail.com.

² Doutor em Geografia. Pós-doutorando no Departamento de Geografia da Universidade Federal do Amazonas. Professor substituto no Instituto Federal do Acre – Campus Sena Madureira e docente credenciado no Mestrado em Geografia da Universidade Federal do Acre (UFAC). E-mail: willian.geografiahumana@gmail.com.

³ Doutor em Geografia. Professor da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: manuelmasulo@gmail.com.



Keywords: Collective Territories; Women's Work; Productive Organization; Western Amazon.

Introdução

Desde a promulgação da Lei nº 9.985/2000, que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação, as Reservas Extrativistas (Resex) têm se consolidado como importantes instrumentos de justiça socioambiental. Essas áreas são habitadas, em geral, por populações que baseiam seus modos de vida em estratégias produtivas como a coleta de produtos florestais, a agricultura de subsistência e a criação de animais, formando mosaicos socioeconômicos sustentados pelo trabalho familiar e pela convivência com a floresta.

Nesses contextos, as mulheres exercem papéis multifuncionais, essenciais para a sustentação dos modos de vida e da coesão social nas comunidades. Assumem responsabilidades que vão desde a coleta de insumos florestais, como látex, sementes e castanha-do-brasil, até o processamento de alimentos, organização doméstica, cuidados com a saúde e alimentação familiar, produção de artesanato e transmissão intergeracional de saberes. O que contribui de forma decisiva para a vitalidade da unidade produtiva, bem como para a continuidade das relações que mantêm a floresta viva.

Apesar de sua centralidade nas dinâmicas produtivas extrativistas, o trabalho das mulheres permanece invisível em grande parte das estatísticas, nos planos de manejo e, às vezes, até mesmo nas políticas públicas voltadas às unidades de conservação. Essa invisibilidade se agrava em contextos em que políticas e pesquisas adotam abordagens predominantemente ecológico-normativas, relegando a segundo plano as dimensões familiares, sociais e de gênero. Como resultado, as mulheres extrativistas enfrentam múltiplos entraves, sobretudo no que se refere à representação institucional, uma vez que os instrumentos legais e técnicos raramente contemplam a complexidade e a diversidade de suas práticas camponesas (Saffioti, 2004; IUCNN, 2025).

Este estudo busca compreender a participação das mulheres na organização produtiva da Reserva Extrativista do Cazumbá-Iracema (AC), investigando de que forma elas articulam o tempo e o trabalho entre o cuidado com casa, família e atividades extrativistas. Parte-se da hipótese de que esses afazeres, historicamente subestimados, constituem um alicerce silencioso da sustentabilidade econômica, social e ambiental da base comunitária.



Ao lançar luz sobre práticas cotidianas invisibilizadas, o presente estudo busca contribuir para o fortalecimento de políticas públicas sensíveis à equidade de gênero, fundamentais para a promoção de um desenvolvimento rural inclusivo, da conservação da biodiversidade e da justiça socioambiental na Amazônia Ocidental.

Caracterização da Área de Estudo

As Reservas Extrativistas (Resex) são unidades de conservação de uso sustentável, criadas para assegurar os modos de vida e a cultura de populações tradicionais que exploram coletivamente os recursos naturais. Previstas no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), essas áreas são públicas e, em geral, geridas por associações de moradores, reconhecendo-se o papel dessas comunidades na preservação da biodiversidade (Brasil, 2000). Na Amazônia, as Reservas Extrativistas (Resex) representam uma alternativa ao modelo excludente de conservação, possibilitando o uso sustentável da floresta. O Acre foi pioneiro nessa experiência, impulsionado pela mobilização dos povos da floresta e por lideranças seringueiras, como Chico Mendes (Allegretti, 1989; Silva *et al.*, 2012).

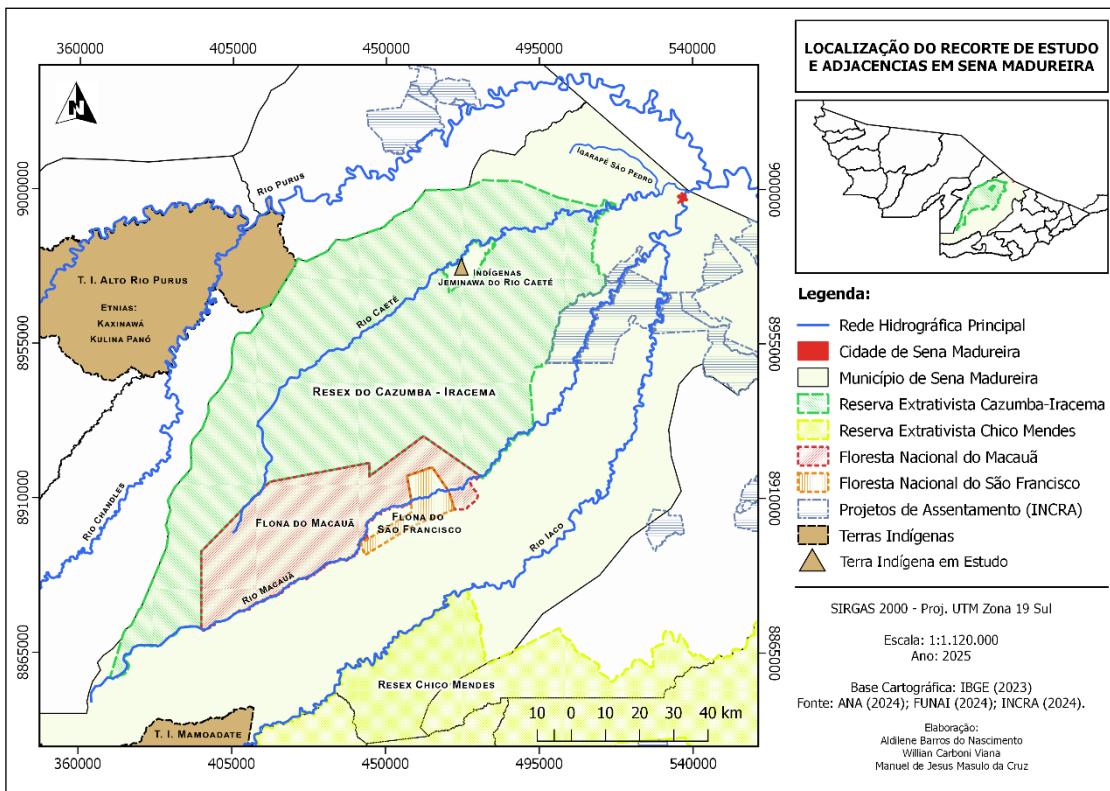
Dentro do território de Sena Madureira localiza-se a Reserva Extrativista do Cazumbá-Iracema, unidade federal criada em 19 de setembro de 2002, com uma extensão de 750.795 hectares (Brasil, 2025). A Resex Cazumbá-Iracema pode ser acessada a partir da cidade de Sena Madureira pelos rios Caeté e Macauã ou, no período da estiagem, por estradas secundárias conhecidas localmente como ramais, destacando-se o Ramal do 16 e o Ramal do Nacélio.

O município de Sena Madureira possui 23.760 km² de extensão territorial e uma população de 41.343 habitantes, o que resulta em uma densidade demográfica de 1,74 hab./km². A composição étnica da população é marcada pela diversidade: 1.681 indígenas (4,07%), dos quais 966 residem em terras indígenas registradas. Além dos povos originários, cerca de 75,09% dos moradores se autodeclararam pardos, 15,65% brancos, 5,12% negros e 0,09% amarelos (IBGE, 2022).

A paisagem é dominada por floresta densa, relevo suavemente ondulado e áreas de várzea e terra firme, entrecortadas por rios e igarapés. O território inclui a Floresta Nacional do Macauã, a Floresta Nacional do São Francisco, projetos de assentamento da Reforma Agrária e trechos de outras unidades de conservação e preservação (Figura 1).



Figura 1: Mapa de localização do recorte espacial no município de Sena Madureira (AC) e adjacências.



Fonte: Elaboração própria a partir da base de dados do IBGE (2024).

A criação da Resex Cazumbá-Iracema foi resultado da mobilização de comunidades locais e organizações socioambientais desde a década de 1990, inspiradas pelo legado de luta dos povos da floresta. Essas articulações buscaram garantir o uso sustentável do território e a permanência das famílias extrativistas de látex e castanha. Atualmente, a unidade, sob gestão do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), conta com um plano de manejo que orienta tanto o uso dos recursos quanto a gestão participativa.

A população da Resex Cazumbá-Iracema é composta por cerca de 460 famílias, distribuídas em colocações que variam entre 300 e 500 hectares (ISA, 2024). Nessas unidades, desenvolvem-se sistemas produtivos adaptados às condições locais, que combinam agricultura, extrativismo e criação de pequenos animais (Figura 2).



Figura 2: Placa de identificação na entrada da Reserva Extrativista do Cazumbá-Iracema.



Fonte: Aldeci Cerqueira Maia (2022).

As práticas produtivas das famílias articulam extrativismo, criação de animais e agricultura de subsistência, aproximando-se de sistemas agrosilvipastoris de base comunitária (Allegretti, 1990; Embrapa, 2009). Esses arranjos buscam garantir a segurança alimentar e fortalecer a coesão social, evidenciando a interdependência entre conservação ambiental e subsistência familiar.

Esse modo de vida, enraizado em vínculos afetivos com o território e com o ambiente, orienta-se pela lógica da reprodução social e se contrapõe aos modelos convencionais de uso da terra e produção agropecuária. Nessa dinâmica, sobressai o protagonismo das mulheres, cuja presença é essencial tanto na organização produtiva quanto na gestão do cotidiano e na transmissão dos saberes.



Metodologia

Este estudo de caso qualitativo foi conduzido entre novembro de 2024 e janeiro de 2025, com 20 mulheres⁴ residentes da Resex Cazumbá-Iracema. A motivação da pesquisa surgiu da necessidade de compreender e valorizar o papel das mulheres nos processos produtivos rurais, frequentemente invisibilizado, embora essencial à sustentabilidade social, econômica e ambiental dos territórios florestais.

As participantes foram selecionadas de forma intencional, buscando contemplar diversidade de localização, faixas etárias, tempo de residência e níveis de envolvimento nas atividades extrativistas e campesinas, a fim de garantir uma representação abrangente das trajetórias femininas.

A coleta de dados apoiou-se em entrevistas semiestruturadas gravadas em áudio, observação participante e análise documental de planos de manejo e relatórios institucionais. Após a transcrição integral dos depoimentos, recorreu-se à análise de conteúdo (Bardin, 2011), com o objetivo de identificar categorias temáticas e padrões relacionados à reprodução social. Esse delineamento metodológico, fundamentado em Godoy (1995) e Macedo (2004), permitiu apreender com profundidade as práticas cotidianas e as estratégias de transmissão de saberes no contexto extrativista.

Desse modo, a coleta de dados apoiou-se em entrevistas semiestruturadas, orientadas por um roteiro flexível composto por seis blocos temáticos (Macedo, 2004):

- (i) histórico pessoal e relação com o seringal,
- (ii) divisão do trabalho e práticas cotidianas,
- (iii) contribuições econômicas e sustentabilidade,
- (iv) participação em associações e espaços de decisão,
- (v) vivências, desafios e superações,
- (vi) expectativas e visões sobre o futuro do extrativismo.

⁴ Optou-se por empregar os termos “mulheres extrativistas” ou “seringueiras” para se referir às participantes, em consonância com o uso predominante na literatura sobre Reservas Extrativistas. Reconhece-se, no entanto, que expressões como “pequenas produtoras”, “trabalhadoras rurais”, “colonheiras” ou “agricultoras da floresta” também capturam dimensões importantes da identidade e do trabalho feminino em contextos amazônicos, sobretudo ao enfatizar seus papéis produtivos e agroecológicos.



As entrevistas foram conduzidas de forma individual, em locais previamente combinados com as participantes, garantindo-lhes conforto e liberdade para expor suas narrativas. Quando autorizado, todo o diálogo foi gravado em áudio. As entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e foram informadas sobre os objetivos da pesquisa, a destinação acadêmica dos dados e as garantias de confidencialidade e anonimato.

Os áudios foram transcritos na íntegra e submetidos à análise de conteúdo, com o objetivo de identificar categorias e temas emergentes nas falas. A investigação enfatizou o entrelaçamento das dimensões simbólica, material e organizativa do trabalho feminino. Posteriormente, procedeu-se à análise documental de registros institucionais, documentos técnicos e estudos prévios em repositórios e periódicos de referência, com o propósito de fundamentar teoricamente e contextualizar o caso (Godoy, 1995; Macedo, 2004).

A análise de conteúdo revelou categorias ligadas aos usos territoriais que sustentam modos de vida em contextos de conservação (Bardin, 2011), compreendidos não apenas como espaços regulados por instrumentos legais, mas também como expressões de um viver camponês, ecológico e produtivo, marcado por vínculos afetivos com a terra e por dinâmicas em constante transformação.

Como referencial teórico-metodológico, adotou-se a noção de família articulada em dois núcleos interdependentes: a unidade de produção (atividades econômicas) e o grupo doméstico (vida cotidiana e reprodução social), conforme proposto por Schneider (2003). Essa concepção mostrou-se relevante por permitir reconhecer e valorizar o papel das mulheres tanto na produção extrativista quanto na sustentação da vida social e familiar.

Partindo do referencial do extrativismo como expressão do campesinato enquanto modo de vida, esta pesquisa reconhece as mulheres da Resex Cazumbá-Iracema como protagonistas dos arranjos socioprodutivos, cuja atuação cotidiana desafia os modelos hegemônicos de desenvolvimento rural ao reafirmar a centralidade da vida, do território e dos saberes.

Revisão de Literatura

Gênero como categoria analítica no contexto extrativista

A categoria gênero é adotada aqui como lente analítica para evidenciar as desigualdades de poder presentes no contexto extrativista e camponês. Nas ciências humanas, gênero é



compreendido como uma construção histórica e cultural que define o que significa “ser homem” ou “ser mulher” em cada sociedade (Stancki, 2003). Para Butler (1990), não existe uma essência fixa de gênero; sua constituição ocorre por meio de “performatividades” (o “fazer o gênero” nas práticas cotidianas), processo no qual residem possibilidades de pequenas rupturas nas normas e aberturas para transformações sociais.

Tal abordagem evidencia como normas e discursos regulam o acesso a recursos, a divisão do trabalho e o reconhecimento social. Ao mesmo tempo, desvela as estratégias de resistência e resiliência diariamente mobilizadas pelas mulheres (Del Priori; Bassenezi, 2004; Fernandes; Mota, 2014; Pillett, 2017; Silva, 2019; Rodrigues *et al.*, 2021). Ademais, a divisão sexual do trabalho, fundamentada na distinção entre tarefas atribuídas a mulheres e a homens, produz uma hierarquização que atribui maior prestígio às atividades desempenhadas por eles (Stanski, 2003).

Pillett (2017, p. 395) lembra que a organização do trabalho ultrapassa a pura e simples alocação de tarefas, “*indicando, também, relações de poder*”. Estudar o trabalho feminino, portanto, é fundamental para desnaturalizar essas hierarquias e reconhecer as múltiplas formas de contribuição das mulheres nos territórios camponeses e extrativistas.

Invisibilidade e resistência feminina em redes extrativistas

Estudos sobre redes produtivas extrativistas, como as do babaçu, açaí, castanha e outros frutos nativos, demonstram o papel central das mulheres em diferentes etapas produtivas, quer seja na coleta, no beneficiamento ou na comercialização, ainda que seu trabalho siga frequentemente subvalorizado (Saraiva *et al.*, 2019; Rodrigues *et al.*, 2021).

Na Reserva Extrativista do Ciriáco (Cidelândia, Maranhão), as mulheres, conhecidas como quebradeiras de coco, executam todas as etapas da cadeia produtiva do babaçu, desde a coleta ao transporte e beneficiamento. Organizadas na Associação dos Trabalhadores Agroextrativistas da Reserva do Ciriáco (ATARECO), elas utilizam ferramentas manuais e saberes tradicionais para conciliar a conservação ambiental com o sustento de suas famílias (Saraiva *et al.*, 2019). Apesar da importância econômica, social e cultural de seu trabalho, a extração da amêndoia e a produção de óleo, torta, sabão e artesanato ocorrem em condições laborais precárias e com baixa valorização comercial.



As mulheres no empreendimento da borracha

Nos seringais da Amazônia, desde o final do século XIX, a presença feminina foi sistematicamente invisibilizada pelas narrativas oficiais e pela lógica patriarcal dominante. Consideradas “improdutivas”, as mulheres eram excluídas dos planos dos patrões e quase nunca apareciam nos registros históricos. Estudos literários e historiográficos revelam como esse estigma limitava sua participação, impedindo-as, muitas vezes, de plantar ou mesmo de acompanhar os homens aos seringais (Blanco; Bambirra, 2017).

Entretanto, algumas mulheres romperam esse silenciamento histórico. É o caso de Valdiza Alencar, seringueira acreana que, apesar das adversidades familiares e sociais, liderou, em meados da década de 1980, a criação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasileia (AC), abrindo espaço para a voz feminina na luta por direitos trabalhistas e territoriais. Sua trajetória revela o protagonismo feminino nas lutas por reconhecimento, embora muitas vezes ofuscado pela centralidade conferida às lideranças masculinas (Perrot, 1988; Le Breton, 1997).

Em síntese, as mulheres permeiam e articulam todas as esferas (doméstica, produtiva, associativa, política, simbólica etc.), atuando como pilares essenciais à persistência e à transformação dos modos de vida na Amazônia acreana.

Sistemas agrosilvipastorais comunitários e sustentabilidade

Nas Reservas Extrativistas, o trabalho produtivo organiza-se em sistemas agrosilvipastorais comunitários, que integram o extrativismo vegetal, a agricultura de subsistência e a criação de pequenos animais, reunindo saberes transmitidos entre gerações e plenamente adaptados às condições locais. Esses arranjos socioprodutivos promovem, ao mesmo tempo, a conservação da floresta e o uso sustentável de seus recursos naturais.

Na Resex Cazumbá-Iracema, o extrativismo do látex e da castanha articula-se ao cultivo de mandioca e frutas nativas, à criação de galinhas e suínos, e ao reaproveitamento de resíduos orgânicos como adubo. Essa combinação configura um sistema agrosilvipastoril de base comunitária, sustentado por saberes tradicionais, redes de cooperação e práticas de manejo coletivo do território.



Resultados e Discussão

Perfil das mulheres participantes do estudo

Para contextualizar os resultados, foi elaborado o perfil sociodemográfico e territorial das 20 mulheres entrevistadas, com base em variáveis como faixa etária; naturalidade e local de residência; estado civil; nível de escolaridade; tempo de atuação nas atividades produtivas; principais fontes de renda; participação em associações; e grau de envolvimento nas práticas cotidianas da Resex Cazumbá-Iracema.

A amostra revela maior incidência de mulheres jovens e de meia-idade, com participação reduzida na faixa de 46 a 60 anos e presença residual entre as que têm mais de 60 anos (Tabela 1). Esse perfil indica que a maioria das entrevistadas se encontra em plena atividade produtiva, conciliando o trabalho no campo com responsabilidades familiares e comunitárias. A baixa representatividade do grupo intermediário pode estar relacionada a barreiras logísticas ou à indisponibilidade para participar da pesquisa, enquanto a presença de idosas reforça o elo com saberes tradicionais e com as memórias das práticas extrativistas (Gorman, 2012).

Tabela 1: Distribuição etária das mulheres participantes da pesquisa.

Faixa Etária (anos)	Quantitativo	Percentual (%)
18 - 30	7	35
31-45	7	35
46-60	3	15
Acima de 60	3	15
Total	20	100

Fonte: Informações recolhidas em trabalho de campo.

Quanto à escolaridade, a maioria das entrevistadas não concluiu o ensino médio e, em núcleos mais distantes, como os sítios Alto Caeté e Jacareúba, três mulheres se autodeclararam subletradas. Essa precariedade no acesso à educação formal reflete barreiras estruturais, como a distância geográfica, a ausência de transporte escolar e as limitações das escolas rurais. Após a chegada da energia elétrica em 2008, a sede da reserva firmou parcerias com o Instituto Federal do Acre e a Universidade Federal do Acre, viabilizando cursos de capacitação em corte e costura e açaicultura..



Esse cenário de baixa escolaridade não se restringe às mulheres: os homens extrativistas também apresentam níveis de instrução modestos, reforçando o caráter estrutural das barreiras ao acesso à educação formal (Colares, 2022; Farias *et al.*, 2025). Ainda assim, as mulheres preservam um vasto repertório de saberes tradicionais no manejo florestal, essenciais à sustentabilidade das unidades produtivas (Gorman, 2012).

Quanto à naturalidade, 95 % das entrevistadas nasceram às margens do rio Caeté ou do igarapé Maloca, e a maioria permanece na reserva ao longo da vida, mesmo mudando entre colocações. Apenas duas vieram de fora, incorporando-se ao território por casamento com moradores locais. Esse padrão comprova o vínculo entre pertencimento territorial e identidade sociocultural das famílias seringueiras, refletindo as normas comunitárias que regulam permanência, circulação e composição social na reserva (Pillett, 2017; Rodrigues *et al.*, 2021).

As habitações são, em sua maioria, edificações simples em madeira, com dois quartos, sala e cozinha, geralmente sem banheiro interno. Na sede da Resex, algumas das casas já contam com banheiro interno. Os telhados, de zinco ou cerâmica, utilizam materiais locais de fácil acesso, e o abastecimento de água depende de poços e vertentes; apenas o núcleo sede dispõe de sistema de água encanada.

Os serviços de saúde pública chegam à reserva por meio de equipes itinerantes da prefeitura de Sena Madureira, em média três a quatro vezes ao ano. O deslocamento até a cidade pode levar até cinco horas de canoa ou duas horas de voadeira, conforme a localidade. Na estiagem, os ramais tornam-se transitáveis, mas no período chuvoso o isolamento se intensifica, em particular no Alto Caeté, Igarapé Maloca e Irmãos Iracema, quando os cursos d'água ficam rasos e barrentos, dificultando o transporte fluvial.

A sazonalidade amazônica, a contar com chuvas intensas de novembro a abril e estiagens de junho a setembro, o que afeta mobilidade, abastecimento e dinâmica social. Nesse cenário, o planejamento coletivo e o fortalecimento das redes de solidariedade tornam-se vitais para assegurar a segurança alimentar e o acesso a bens essenciais.

Quanto à composição familiar, 55 % dos domicílios reúnem quatro a seis integrantes, 20 % têm até três membros e 25 % abrigam mais de seis pessoas. Essa predominância de famílias de porte médio favorece a divisão de tarefas e sustenta o funcionamento das unidades produtivas, que se baseiam na cooperação entre os membros.



Nas práticas agropecuárias, sobressai a agricultura de subsistência, ajustada às particularidades da floresta: arroz, mandioca e banana compõem a base alimentar, enquanto feijão e melancia são cultivados em várzeas durante a cheia. A pecuária extensiva é limitada a um ou dois bovinos por ano, conforme normas da Resex, enquanto criação de galinhas, suínos, pesca, caça e coleta de produtos florestais ocorrem de forma generalizada, voltadas quase exclusivamente ao autoconsumo.

Esse uso múltiplo do território configura um arranjo produtivo integrado, no qual a agricultura, o extrativismo e a criação animal se complementam. Essas práticas ecoam os princípios da economia rural amazônica, descritos por Cruz (2007; 2023), onde o trabalho familiar organizado constitui a base da reprodução social e da sustentabilidade.

Inserção das mulheres na organização produtiva

A trajetória das entrevistadas em Cazumbá-Iracema revela dois perfis de inserção nas atividades extrativistas e de subsistência: um grupo majoritário, cerca de 95 %, ingressou ainda na infância ou adolescência, participando de forma precoce do trabalho produtivo; e um grupo minoritário, com 5 %, que iniciou suas atividades somente após o casamento, ao se transferir para a reserva com o cônjuge.

Entre as mulheres do primeiro grupo, destaca-se a vivência intensa com o território desde a infância, marcada por aprendizados práticos no roçado, na coleta de látex e na agricultura de subsistência. As participantes com mais de 60 anos relataram que, desde muito jovens, auxiliavam nas tarefas do campo e do extrativismo, contribuindoativamente para a manutenção das unidades produtivas familiares. Já entre as mulheres mais jovens, a inserção deu em um contexto de declínio da produção de borracha, mas elas mantêm forte participação nas atividades agrícolas e na produção de farinha, arroz, milho e outros cultivos.

No segundo grupo, composto por mulheres oriundas de outras localidades, a inserção no sistema produtivo deu-se pelo casamento com seringueiros residentes na reserva. Uma entrevistada, moradora há três anos, relatou o aprendizado prático ao lado do esposo, da sangria do látex às técnicas de cultivo, ilustrando dinâmicas de mobilidade interna e a transmissão cotidiana dos saberes tradicionais.

A análise por faixa etária e origem reforça a centralidade da transmissão familiar dos



saberes extrativistas, mostrando que as mulheres não só participam, mas são fundamentais para a continuidade e a renovação das práticas produtivas. Esses achados ressaltam a necessidade de políticas que reconheçam as diferentes trajetórias de ingresso feminino e ofereçam apoio específico conforme o momento e as condições de cada grupo.

Em relação à renda, verificou-se que as mulheres com mais de 60 anos são aposentadas, o que lhes confere maior estabilidade financeira. As demais entrevistadas, em sua maioria, dependem de programas de transferência de renda, como o Bolsa Família (R\$ 650 mensais) e o Bolsa Verde (três parcelas anuais de R\$ 300). Em cenários de sazonalidade e baixa produtividade, esse apoio torna-se fundamental para a subsistência das famílias.

Na Resex, algumas atividades são desempenhadas exclusivamente por mulheres, como a confecção artesanal de folhas a partir do látex, os cuidados domésticos, o preparo de alimentos e o cuidado com a saúde da família. Um exemplo emblemático é o de uma parteira da comunidade Redenção Jacareúba, que, diante da distância e da dificuldade de deslocamento pelo igarapé Maloca, realizou partos de suas noras na própria comunidade, utilizando apenas os recursos locais. Esse tipo de prática revela a potência dos saberes femininos e sua função vital no cuidado e na reprodução da vida.

A divisão entre atividades produtivas e domésticas não é rígida; ao contrário, ambas se entrelaçam de forma indissociável no cotidiano das mulheres. Cozinhar, cuidar dos filhos e da casa não correspondem apenas a tarefas de manutenção da vida, mas constituem condições essenciais para que o extrativismo, a agricultura e a criação de animais possam ocorrer (Fernandes; Mota, 2014; Pillett, 2017).

Algumas das entrevistadas exercem também papéis de liderança comunitária. Uma delas representou a juventude local em evento nacional em Brasília e integra o Coletivo Varadouro. Outras organizam iniciativas religiosas, programas educacionais, projetos esportivos, como, por exemplo, o time de futebol feminino de Cazumbá, bem como atividades culturais, ampliando sua atuação para além do âmbito doméstico.

Apesar desse protagonismo, ainda persistem barreiras à plena participação das mulheres nos espaços de decisão. Algumas entrevistadas relataram dificuldades em se expressar publicamente, muitas vezes associadas à timidez, à falta de formação e à insegurança diante de contextos historicamente dominados por vozes masculinas.



A presença feminina em cargos diretivos nas associações locais é limitada: apenas uma das entrevistadas ocupa função na diretoria da Associação dos Seringueiros do Seringal Cazumbá, revelando um quadro de sub-representação diante da predominância masculina nesses espaços.

Mesmo diante das adversidades, as mulheres constroem formas próprias de protagonismo, reinventando os espaços comunitários e garantindo que suas vozes sejam, ao menos, minimamente ouvidas. Essa criatividade organizacional tem sustentado redes de solidariedade e a circulação de saberes entre filhas, vizinhas e novas moradoras. O ensino da sangria da seringueira, o uso de plantas medicinais e os calendários agrícolas são transmitidos oralmente, preservando práticas ancestrais de cuidado com o corpo, o território e a floresta.

Em alguns casos, as mulheres relataram transformações nas atividades produtivas, como a substituição da venda de óleo de copaíba pela produção de farinha de mandioca, em resposta às flutuações do mercado. Outras destacaram a diversificação da renda familiar por meio do cultivo de lavouras, da criação de gado bovino em pequena escala ou da atuação como educadoras na escola da comunidade. Esses relatos evidenciam a capacidade adaptativa e a resiliência das famílias, diante das mudanças territoriais e das dinâmicas econômicas locais.

Em reforço a essas análises, iniciativas desenvolvidas na Ilha do Combu (PA), no contexto da cadeia do açaí, evidenciam como a organização produtiva liderada por mulheres impacta diretamente a economia local, promovendo autonomia financeira e fortalecimento comunitário (Silva, 2019; Rodrigues et al., 2021). Ainda assim, muitas dessas mulheres permanecem invisibilizadas: suas ações não aparecem nas estatísticas, suas vozes são sub-representadas nas instâncias decisórias e seus saberes continuam confinados ao espaço privado (Porro et al., 2011; Gorman, 2012).

Confirma-se, assim, a hipótese central deste estudo: o trabalho das mulheres é essencial na organização produtiva da Resex Cazumbá-Iracema. Sua atuação sustenta modos de vida que integram extrativismo, agricultura e criação de animais, articulando saberes transmitidos entre gerações. Construir um modelo sustentável nesse território exige reconhecer esses saberes e valorizar a liderança feminina, a incluir apoio técnico, infraestrutura e fortalecimento das associações locais.



Considerações Finais

As mulheres da Reserva Extrativista Cazumbá-Iracema exercem um papel central na sustentação econômica, social e cultural de suas comunidades, vivenciando cotidianamente uma dupla jornada que articula as tarefas domésticas e as atividades produtivas. Esse acúmulo de funções, longe de representar apenas uma sobrecarga, constitui uma estratégia de resiliência frente às adversidades ambientais, econômicas e institucionais que atravessam os territórios extrativistas amazônicos.

O trabalho feminino revela-se multifacetado: envolve o cuidado com a família, o manejo da produção agrícola e extrativista, a criação de animais, a produção artesanal e a participação comunitária. Essa multiplicidade reforça a centralidade das mulheres na unidade familiar como base da reprodução da vida e do trabalho. Na Resex, os limites entre as esferas produtiva e reprodutiva são tênues e interdependentes: a cozinha, o roçado e os espaços de convivência formam um mesmo ambiente de construção da autonomia e da sustentabilidade local.

Torna-se urgente que políticas públicas e programas de extensão reconheçam essas dinâmicas em sua totalidade, superando a dicotomia entre trabalho produtivo e reprodutivo. Valorizar o protagonismo feminino significa reconhecê-lo como sujeito político e gestor de territórios sustentáveis. Esse reconhecimento deve se materializar em ações concretas: fortalecimento das redes de cooperação, assistência técnica adaptada à realidade local e incentivo à governança feminina nas associações comunitárias. A consolidação de espaços de cooperação entre mulheres, representa uma estratégia para se ampliar o acesso a mercados, potencializar economias de escala e fortalecer a autonomia das comunidades.

A pesquisa confirma que os modos de vida praticados na Resex Cazumbá-Iracema articulam extrativismo, roçados de subsistência e criação de animais em um sistema integrado, sustentado por saberes tradicionais e formas de gestão comunitária. Trata-se de um modelo agrosilvipastoril de base comunitária, que desafia as lógicas convencionais de desenvolvimento e reafirma a floresta como território de vida, trabalho e resistência.



Referências Bibliográficas

- ALLEGRETTI, M. **Extractive Reserves**: An Alternative for Reconciling Development and Environmental Conservation in Amazonia. In: **Changing Tropical Forests**: Historical Perspectives on Today's Challenges. New York: Columbia University Press, p. 252-264, 1990.
- ARAUJO, C. F.; AZEVEDO, J. M. A. de; AZEVEDO, H. S. F. S.; SANTANA, M. H. M.; CHAVES, N. S. Cursos do Pronatec: formação e cidadania na Reserva Extrativista do Cazumbá-Iracema protagonizada pelo IFAC. In: **I Congresso Nacional de Ciências Sociais e Humanas (I CONCIS)**, 2025, Natal (RN). Anais do I Congresso Nacional de Ciências Sociais e Humanas (I CONCIS). Natal: Editora Scienceduc, 2025. v. 1. p. 1-2.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. 229 p.
- BLANCO, S. V. N.; BAMBIRRA, V. M. A figura feminina no seringal: vozes silenciadas. **Revista Communitas**, v. 1, n. 1, p. 144-160, 2017.
- BRASIL. **Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000**. Institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 19 jul. 2000. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9985.htm>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- BUTLER, J. **Gender Trouble**: Feminism and the Subversion of Identity. New York: Routledge, 1990
- CRUZ, M. de J. M. Territorialização camponesa na várzea da Amazônia. 2007, 274f. **Tese (Doutorado em Geografia)** – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- CRUZ, M. de J. M. Caboclos-ribeirinhos: camponeses na Amazônia. **Revista Geonorte**, v. 14, n. 46, p. 278-297, 2023. Doi: 10.21170/geonorte.2023.V.14.N.46.278.297
- DEL PRIORI, M.; BASSENEZI, C. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004. 571 p.
- FERNANDES, T.; MOTA, D. M. “É sempre bom ter o nosso dinheirinho”: sobre a autonomia da mulher no extrativismo da mangaba no Pará. **RESR**, Piracicaba, v. 52, p. 009-024, 2014.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.
- GORMAN, Mark. **Older women, older farmers – the hidden face of agriculture**. London: HelpAge International, mar. 2012. Policy briefing. Disponível em:



<<https://www.helpage.org/silo/files/older-women-older-farmers-the-hidden-face-of-agriculture.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2025.

ISA. **Instituto Socioambiental**, 2024. RESEX do Cazumbá-Iracema. Disponível em: <<https://uc.socioambiental.org/arp/3412>>. Acesso em: 24 de abr. 2025.

MACEDO, R. S. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. 2^a ed. EDUFBA, 2004. 297 p. ISBN 85-232-214-5.

PILLETT, E. A. A participação das mulheres na Reserva Extrativista Caeté/Taperaçu na comunidade de Taquandeuá-Bragança/PA. **Amazônia**. Rev. Antropol., v. 9, n. 1, p. 388-412, 2017.

PORRO, N.; VEIGA, I.; MOTA, D. M. Traditional communities in the Brazilian Amazon and the emergence of new political identities: the struggle of the quebradeiras de coco babaçu – babassu breaker women. **Journal of Cultural Geography**, v. 24, n. 1, p. 123-146, 2011.

RODRIGUES, H. P.; COUTO, M. H. S. H. F.; SILVA, R. N. P.; BRABO, M. F.; SANTOS, M. A. S. Mulheres na agricultura familiar: uma análise no estado do Pará. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Territorial Sustentável**, Matinhos, v. 7, n. 2, jul./dez. 2021.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 2, 1999, pág. 71-99.

SILVA, A. A. da. A valorização do trabalho das mulheres na comunidade do Igarapé Combu, Ilha do Combu - Pará. **Agricultura Familiar: Pesquisa, Formação e Desenvolvimento**, Belém, v. 13, n. 2, p. 208-229, 2019.

SILVA, A. M.; VIANA, W. C.; QUEIROZ, L. A. P.; CAMPOS, A. C. R.; LIMA, R. S.; PINHEIRO JUNIOR, E. Toponímia, lugar e cultura: a nomeação dos seringais do rio Macauã em Sena Madureira - Acre. **Revista Geonorte**, v. 52, p. 198-218, 2024.

SOUZA, E. C. V. T.; COLARES, A. A. Amazônia brasileira: educação e contexto. **Revista Amazônica**, Manaus, v. 7, n. 01, 2022.

STANCKI, N. **Divisão sexual do trabalho**: a sua constante reprodução. São Paulo, 2003. 12p.

IUCNN. **The Netherlands National Committee of the International Union for Conservation of Nature (IUCN)**, 2025. Women in a degraded Amazon: struggles for land,



MARUPIARA

REVISTA CIENTÍFICA DO CENTRO DE ESTUDOS
SUPERIORES DE PARINTINS

body and nature. The Hague: IUCN NL, 6 mar. 2025. Disponível em: <<https://www.iucn.nl/en/publication/women-in-a-degraded-amazon-struggles-for-land-body-and-nature/>>. Acesso em: 20 maio 2025.

WOLF, E. R. **Sociedades camponesas**. São Paulo: Zahar, 1976.

WOLFF, C. S. A construção da sustentabilidade nos seringais em crise: uma questão de gênero, Alto Juruá, Acre/Brasil: 1912 a 1943. **Projeto História**, São Paulo, v. 23, 2001.

Trabalho apresentado em 04/05/2025

Aprovado em 25/06/2025